



Olimpiada Medalhistas têm poder de persuasão, diz o bengali Yunus Nobel da Paz quer engajar atletas em negócio social

Cristian Klein
Do Rio

Ele carregou a tocha no bairro de Campo Grande, subúrbio da zona oeste carioca, e sua causa principal não é o espírito olímpico, mas o social, que busca agora propagar com a ajuda de atletas e do maior evento esportivo do planeta. Ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 2006, o economista bengali Muhammad Yunus, de 76 anos, aproveitou a passagem pela Olimpíada do Rio para pregar o negócio social ("social business"), sua área de atuação depois de ter promovido uma revolução entre a população de baixa renda de Bangladesh, onde se tornou conhecido como o "banqueiro dos pobres".

Yunus proferiu palestra em evento paralelo aos Jogos e concedeu entrevista exclusiva ao Valor. Durante a conversa, contou como tem tentado influenciar autoridades do esporte a usarem seu poder de persuasão para transformar empreendimentos sociais em realidade. O economista lembra que os Jogos e os comitês olímpicos são instituições com muito poder, que atraem a atenção de cerca de 3 bilhões de pessoas que assistem à competição pela TV — quase metade dos habitantes do planeta.

"Tendo esse poder, por que não usá-lo para propósitos sociais? Todos os medalhistas, de ouro, de prata, de bronze, o mundo inteiro os conhece. Sejam brasileiros, canadenses, australianos, de Bangladesh, não importa, as pessoas sentem o atleta como se fosse seu herói. Tudo que ele ou ela diz as pessoas ouvem, por-

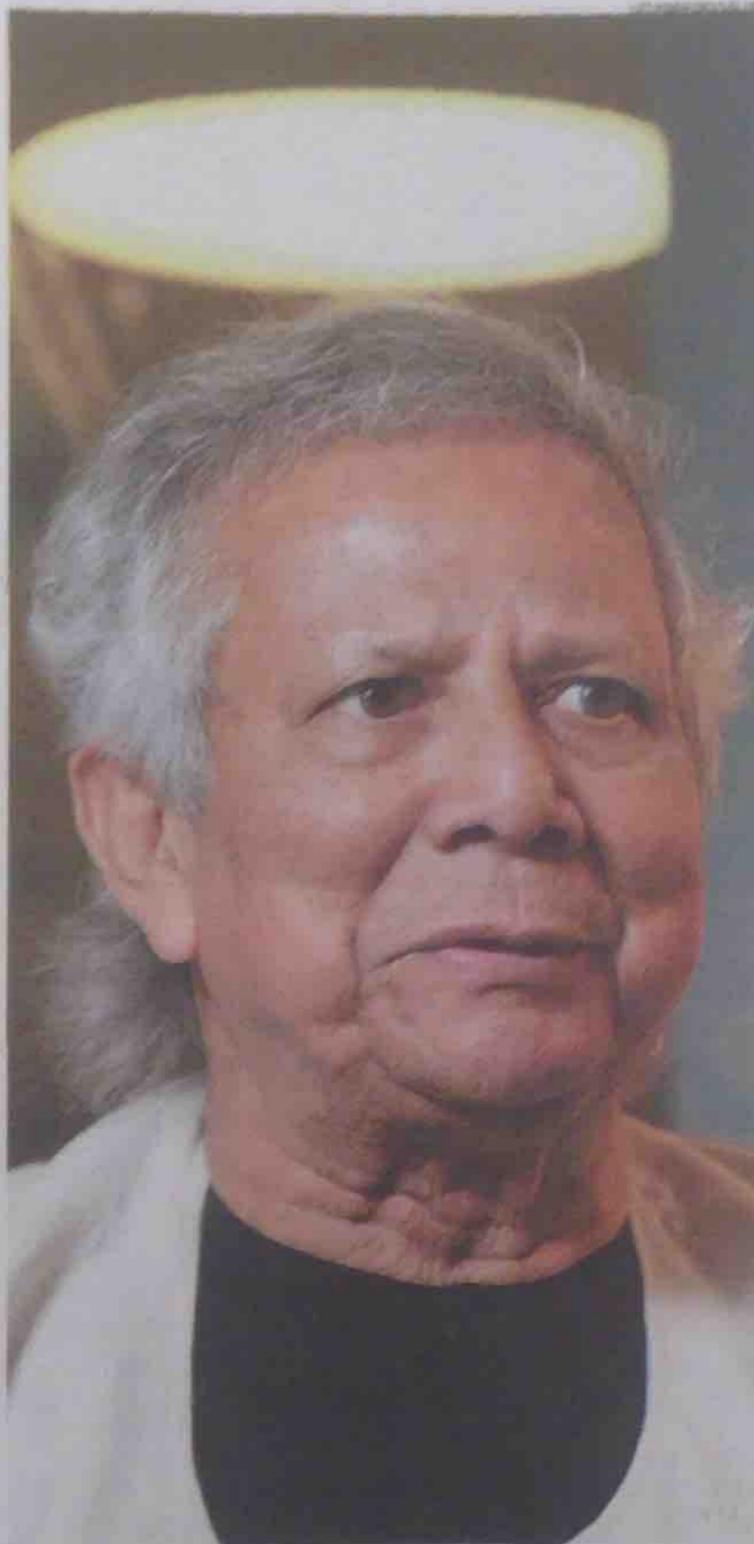
que é um herói. Agora, o que vocês fazem? Usam esse herói para vender carros, televisão, pasta de dente, porque ele tem apelo para as pessoas. Por que não os usam ao mesmo tempo para temas sociais?", diz Yunus.

Diferentemente dos negócios tradicionais, cuja meta é fazer dinheiro, lucrar, o economista explica que o objetivo do negócio social é identificar e solucionar um problema humano, não importa o tema a que esteja ligado — saúde, educação, capacitação, terceira idade, pobreza, lixo, drogas, bem-estar ou meio ambiente.

Em Bangladesh, por exemplo, Yunus cita o caso de um hospital construído para o tratamento de catarata que cobra de quem pode pagar e usa o lucro para bancar serviços médicos gratuitos para os mais pobres. Em três anos, o empreendimento tornou-se sustentável. E no período seguinte gerou recursos suficientes para a construção de um segundo hospital. Juntas, as duas iniciativas propiciaram erguer um terceiro e, mais recentemente, um quarto hospital.

Também no país natal do economista, o negócio social deu origem à Grameen Shakti, empresa que estimulou o uso de um sistema de energia solar em troca, por um período, do dinheiro que os moradores pagavam pelo uso do querosene. "Em três anos, eles não precisam mais pagar por querosene, nem conta de energia, que passou a ser de graça", diz Yunus.

Grameen é o nome do banco que o Nobel da Paz fundou em 1976 e se notabilizou ao oferecer microcrédito para mais de 8



O economista Muhammad Yunus: ações bem-sucedidas em Bangladesh

milhões de pessoas pobres, sem exigir garantias, com uma taxa de inadimplência de pouco mais de 1%. Em 2011, depois de uma disputa judicial com o governo de Bangladesh, Yunus saiu do comando do banco e passou a liderar a multiplicação de negócios sociais, com a Yunus Social Business Global Initiatives, por meio da consultoria e associação com empresas de vários países, incluindo o Brasil.

Para o economista, o impacto da palavra de um medalhista olímpico pode mudar o comportamento das pessoas em prol da solução de problemas. "Eles podem dizer 'eu amo negócios sociais; isso é legal', e as pessoas

vão se perguntar, 'o que é negócio social?'. Todo mundo vai querer fazer isso. Eles têm esse poder, podem usá-lo", afirma Yunus. O movimento, defende, pode ser liderado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), pelos comitês olímpicos nacionais, por federações ou clubes, e dar um novo sentido à vida de atletas fora de atividade.

"Os atletas se aposentam muito cedo. Com 32, 35 anos, acabam. Têm uma vida inteira pela frente e ficam frustrados, não sabem o que fazer. Por que não criar negócios sociais para engajá-los? O mundo do esporte e o resto do mundo não estão separados", pondera.

Com Jogos, Rio deixa nostalgia e olha para o futuro

Antes, dez em dez indicadores pioravam. Depois do anúncio olímpico, o placar é 8 a 2 favorável aos cariocas.

Por Marcelo Neri

Após 50 anos de decadência, iniciada quando deixou de ser capital do país, o Rio de Janeiro, anunciado como sede olímpica em 2009, deixou de olhar para trás com nostalgia e se voltou para o futuro, com foco na preparação da Rio 2016. Surge, já a partir do anúncio oficial, o desejo do resgate do brilho da cidade, outrora apelidada de maravilhosa.

A nova busca transcende a cidade servir bem às exigências do megaevento, e a agenda passa a ser como se servir da realização dos Jogos. Os Jogos foram oportunidade privilegiada para transformação permanente da cidade, por meio da construção de estádios, obras de mobilidade, revitalização urbana, infraestrutura turística, meio ambiente etc. Mas o cidadão carioca comum ganhou com os Jogos?

O impacto social da Olimpíada é de difícil identificação, pois há várias mudanças simultâneas. A rigor é impossível separar o efeito do evento externo Olimpíada da gestão interna do mesmo. O que podemos é precisar o que houve depois do anúncio e comparar com o que vinha acontecendo antes do mesmo. O horizonte empírico mais largo de que dispomos é fornecido pelos censos de 1970 e 2010, que revelam as transformações ocorridas em educação, moradia, serviços públicos, transporte, trabalho e pobreza. Uma vantagem do uso desses microdados é a possibilidade de usar controles sociodemográficos na comparação com outras áreas geográficas. Co-

mo um atleta competitivo: não basta melhorar, tem de melhorar mais que os outros da sua categoria. Definimos os demais municípios do Grande Rio como grupo de controle, pois os mesmos constituem territórios contíguos sujeitos a influências similares, do ponto de vista climático e da administração estadual, por exemplo. Transformando uma longa história: de dez indicadores analisados, os dez apresentaram retrocesso carioca relativo entre 1970 e 2010. No período pós-anúncio da Rio 2016, o placar se inverte para oito a dois favorável aos cariocas. Diversas outras comparações com bases de dados e metodologias diferentes produzem resultados similares. Em geral, não rejeitamos trajetória dos indicadores em forma de V, com retrocesso pré-anúncio olímpico e avanço posterior. (Veja em cps.fgv.br/rio2016).

E o pós-2016? O cenário carioca prospectivo é preocupante pois o projeto que uniu setor privado ao Estado, ao incluindo integração entre três níveis de governo, rara para padrões locais, acaba com a realização do sonho olímpico. As falhas financeiras fluminenses e as receitas do petróleo, seu principal combustível, criam dificuldades mesmo olhando só a velha Guanabara. A partir de 2016 a população carioca em idade ativa já começa a cair, o que resultará em queda da renda de trabalho de 7,8% até 2065, quando a cidade celebrará seus 500 anos. Isto sem falar nos impactos da inescapável reforma da previdência no Rio, com impactos espaciais diferenciados. Copacabana terá em 2065 51% de sua população acima de 65 anos; Japão, a pátria da terceira idade, terá então 41,8%. A maior similaridade com a estrutura etária atual de Copacabana será observada apenas no Brasil de 2058. Copacabana, do calçadão ao morro, tão belamente retratados na cerimônia de abertura olímpica, é o futuro do Rio. E as rugas do Rio hoje; a imagem no espelho do Brasil amanhã.

Diretor do FGV Social e professor da EPGE/FGV

Com Jogos, Rio deixa nostalgia e olha para o futuro

Antes, dez em dez indicadores pioravam. Depois do anúncio olímpico, o placar é 8 a 2 favorável aos cariocas.

Por **Marcelo Neri**

Após 50 anos de decadência, iniciada quando deixou de ser capital do país, o Rio de Janeiro, anunciado como sede olímpica em 2009, deixou de olhar para trás com nostalgia e se voltou para o futuro, com foco na preparação da Rio 2016. Surge, já a partir do anúncio oficial, o desejo do resgate do brilho da cidade, outrora apelidada de maravilhosa.

A nova busca transcende a cidade servir bem às exigências do megaevento, e a agenda passa a ser como se servir da realização dos Jogos. Os Jogos foram oportunidade privilegiada para transformação permanente da cidade, por meio da construção de estádios, obras de mobilidade, revitalização urbana, infraestrutura turística, meio ambiente etc. Mas o cidadão carioca comum ganhou com os Jogos?

O impacto social da Olimpíada é de difícil identificação, pois há várias mudanças simultâneas. A rigor é impossível separar o efeito do evento externo Olimpíada da gestão interna do mesmo. O que podemos é precisar o que houve depois do anúncio e comparar com o que vinha acontecendo antes do mesmo. O horizonte empírico mais largo de que dispomos é fornecido pelos censos de 1970 e 2010, que revelam as transformações ocorridas em educação, moradia, serviços públicos, transporte, trabalho e pobreza. Uma vantagem do uso desses microdados é a possibilidade de usar controles sociodemográficos na comparação com outras áreas geográficas. Co-

mo um atleta competitivo: não basta melhorar, tem de melhorar mais que os outros da sua categoria. Definimos os demais municípios do Grande Rio como grupo de controle, pois os mesmos constituem territórios contíguos sujeitos a influências similares, do ponto de vista climático e da administração estadual, por exemplo. Transformando uma longa história: de dez indicadores analisados, os dez apresentaram retrocesso carioca relativo entre 1970 e 2010. No período pós-anúncio da Rio 2016, o placar se inverte para oito a dois favorável aos cariocas. Diversas outras comparações com bases de dados e metodologias diferentes produzem resultados similares. Em geral, não rejeitamos trajetória dos indicadores em forma de V, com retrocesso pré-anúncio olímpico e avanço posterior. (Veja em cps.fgv.br/rio2016).

E o pós-2016? O cenário carioca prospectivo é preocupante pois o projeto que uniu setor privado ao Estado, aí incluindo integração entre três níveis de governo, rara para padrões locais, acaba com a realização do sonho olímpico. As falhas financeiras fluminenses e as receitas do petróleo, seu principal combustível, criarão dificuldades mesmo olhando só a velha Guanabara. A partir de 2016 a população carioca em idade ativa já começa a cair, o que resultará em queda da renda de trabalho de 7,8% até 2065, quando a cidade celebrará seus 500 anos. Isto sem falar nos impactos da inescapável reforma da previdência no Rio, com impactos espaciais diferenciados. Copacabana terá em 2065 51% de sua população acima de 65 anos; Japão, a pátria da terceira idade, terá então 41,8%. A maior similaridade com a estrutura etária atual de Copacabana será observada apenas no Brasil de 2058. Copacabana, do calçadão ao morro, tão belamente retratados na cerimônia de abertura olímpica, é o futuro do Rio. E as rugas do Rio hoje; a imagem no espelho do Brasil amanhã.

Diretor do FGV Social e professor da EPGE/FGV